

M 455
com recibo de "O Tarado",
de 9/10/53

Radio 27.1.62

Domingo, 31 de Agosto de 1958

RUBEM BRAGA

DECORAÇÃO, ETC.

O APARTAMENTO está ficando pronto, e todos os que vão espicar acham uma beleza. «Agora, sim, você vai ficar bem instalado» — dizem eles, e meu amigo concorda. Oficialmente está feliz. Mas em um momento de depressão me confidenciou:

«Está claro que estou contente, mas vou ter muitos problemas. Esse negócio de acabamento me faz infeliz; me fazem perguntas sobre esquadrias, sobre revestimento — como é que quero a janela, se eu prefiro isto ou aquilo. Depois virá a questão dos móveis. Eu sei que seria fácil chamar um decorador de bom nome e encarregá-lo de tudo. Por mim mesmo não posso escolher; não tenho gosto, não imagino como é que as coisas ficam depois de prontas, hesito entre as cores. E o pior é que o bom gosto alheio também não me serve. Afinal minha casa tem de ser um pouco minha, tem que ter algo de meu. Mas como, se não sei o que quero?»

E explicou mais:

«Não, pelo amor de Deus não me falem em uma decoração «bem moderna». Estou farto de ver essas gradinhas, esses bares gaitos, esses amarelinhos, essas cadeiras de pernas finas; e não agüento mais anilúrios.

Vem uma de minhas amigas e promete me conseguir móveis antigos, ela mesma comprará para mim; mas confesso que as marquesas de jacarandá e as cômodas pretas também me entristecem. Eu queria um meio termo, algo de sóbrio e de sensato, onde eu me sentisse bem; nada de «decoração»; decorar é afinal de contas enfeitar — e por que diabo uma casa de homem tem de ser enfeitada?

Outro dia fui a um jantar grã-fino; fiquei encantado com a facilidade com que o dono da casa, senhor de riqueza mais ou menos recente, resolve seus problemas. «Decoração de Fulano» — e acabou-se. E o jantar? «Encomendei a Sicrano» — e pronto. E olhe que também famílias antigas e ricas estão aderindo a isso, por comodidade; você pode comer a mesma coisa, com o mesmo gosto, em 20, 30 casas diferentes. Não há uma receita de família, uma cozinheira com um toque pessoal. Eu me lembro que uma vez, na casa de Otávio Mangabeira, ele me ofereceu uma bala de côco. Achei gostosíssima. Uma senhora presente também achou, e pediu a receita. Muito delicado, o dono da casa respondeu que lhe mandaria à casa regularmente um sortimento daquelas simples balas de côco; a receita não podia dar, que não era sua, era bem de família, intransferível.

Você quer saber de uma coisa? A bala de côco do velho Otávio vale mais que muita sobremesa elaborada que você encontra em qualquer dicionário de cozinha francesa. Tem mais caráter...

da candora?

valia

Tinha